Bom Retiro, em uma caminhada acontece um encontro - retalhos de tecidos fagulham no chão, seu brilho e colorido estabelecem uma conexão com o céu. Só podem ter caído de lá, como que de uma chuva, se fazendo presença que envolveu Cho em um abraço.

할머니 (halmoni) = avó.

O silêncio das horas em que esta senhora coreana imigrante ensinava costura com retalhos trazidos de sua fábrica de roupas para seu neto pequeno, retornou, e esta memória fez mover um luto.

As mãos que costuram roupas de bonecas ensinam mais do que um fazer, elas comunicam aquilo que a barreira linguística não dá conta de dizer, constroem um lugar de cumplicidade e afeto entre esta avó e essa criança.

O processo construtivo de uma roupa envolve o corte do tecido a partir de um modelo, e, nesse processo se obtém duas novas formas, a que ficou com o desenho idealizado, e o seu negativo. Nesse recorte da forma ideal de um plano, cada uma destas formas assume funções e valores diferentes, mas nenhuma delas simplesmente deixa de existir.

Os mais de 90 sacos de retalhos tecidos coletados por Cho no bairro do Bom Retiro que agora ocupam a Galeria Alcindo Moreira Filho, do Instituto de Artes Visuais da UNESP, nos informam de outros “negativos”. Uma parte que não se vê – ou para a qual fecham-se os olhos – da produção e consumo desenfreados e da irresponsabilidade deste modo de circulação dos materiais, este grande “negativo” em que nós, enquanto sociedade, submergimos em busca de sobrevivência.

보자기 (bojagi), entre o céu e a terra.

Na Coreia há uma tradição de aproveitar estes tecidos remanescentes e costurá-los formando composições geométricas que aproveitam essas irregularidades, e estes tecidos são normalmente usados para transportar objetos e principalmente embalar presentes como um modo de se demonstrar respeito, ou mesmo reverência.

A partir do grande acúmulo desses pedaços mínimos de tecido, Cho faz uma costura entre a dimensão de sua história pessoal e de uma coletividade, entre destruição e construção. Nesse emaranhado de tecidos se pode acessar tanto a falta de cuidado com aquilo que permanece e assombra, quanto o gesto de unir tecidos e fazer laços com a vida.

Carolina Mikoszewski
São Paulo, 2025